



Hernâni Bettencourt\*

## De plenário em plenário...

Decorreu, na semana prestes a findar, mais um plenário da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores. Assisti, a espaços, a diversos debates. E, mais uma vez, fiquei triste. É constrangedor, para não dizer outra coisa, ver o que muitas vezes ali se passa. Refiro-me à bandalheira dos “apartes”.

Insultar alguém ou até interromper constantemente o orador, nada tem de “apartes”. Isso tem outro nome. Mas, infelizmente, é uma prática que só será erradicada com outra representação do Povo. Convinha, por isso, a quem passa as sessões em “apartes”, que essa real possibilidade lhes passasse pela cabeça. Julgo, no entanto, que quem passa a vida no mundo dos “apartes” considera que está a fazer um grande trabalho. Não está! E um dia, talvez, perceba que o seu papel foi outro.

Continuando na senda das pobreza franciscanas, assisti a mais uma série de erros de palmatória. O Povo, o sábio Povo, que cada vez assiste menos ao que se passa na Horta, diz que “não se deve atear um fogo que não se consegue apagar”. Esta máxima raramente é cumprida por aqueles lados. Vejo debates e discussões desencadeados por quem sabe, ou devia saber, que se está a meter por caminhos demasiados estreitos.

Que sentido faz entradas de leão para saídas de sendeiro? Ricochete, em termos políticos, é outra coisa a evitar. Mas, pela Horta, também

não é minimamente cumprido. E isso deixa-me, sempre, espantado. Como é possível não ter consciência prévia da resposta (contra-ataque) ao que vamos dizer? Isso é o básico...

Contudo, vejo regularmente esta “regra” ser incumprida. E não tenho explicação para isso. Tal como nunca encontro explicação para iniciativas que vão no sentido oposto ao “grito” da sociedade. Apesar disto, continuo e continuarei a assistir ao que se passa naquela sala. E sempre com a expectativa ou até mesmo esperança de ver um “filme” diferente. Acredito que esse dia chegará.

A política não é, não pode ser, aquilo que – vezes a mais – se vê por ali. Há, em todas as bancadas, em todos os partidos e na sociedade, competência e qualidade para mais. Para muito mais. E essa é a minha grande inquietação. Porquê? Por que é que é assim? Quem segue a vida política tem uma resposta na ponta da língua. Mas recuso-me a aceitá-la.

E, por isso, continuarei sempre a ser um seguidor do filósofo Pierre-Joseph Proudhon que defendia que “a política é a ciência da liberdade.” E é essa liberdade que me leva a ver coisas, muitas vezes, pouco recomendáveis... Quando é que é mesmo o próximo plenário?!

\*Jurista



Luís Filipe Borges

## Estado (da falta) de noção

*“Os directores regionais passam menos tempo na cadeira do que a duração dum voo São Miguel-Flores.”*

O ponto de situação na administração da Cultura Açoriana nos últimos 3 anos - portanto, da esquerda à direita - está a chegar a um plano de insustentabilidade que faria a bipolaridade de Kafka dançar. Os directores regionais passam menos tempo na cadeira do que a duração dum voo São Miguel-Flores; o único que parecia estar a obter resultados apreciáveis (curiosamente também o único que não se pôs em bicos de pés em extensas entrevistas de apresentação à sociedade) teve de sair por motivos pessoais; os critérios de avaliação continuam bizarros (há mostras de cinema a receber apoios semelhantes a festivais de música, cuja logística é obviamente muito mais dispendiosa); recursos pura e simplesmente por responder; prorrogações que são concedidas para semanas depois chegar um ofício que te obriga à conclusão apressada do projecto, fazendo tábua rasa da decisão anterior; (in)decisões aos bochechos; declarações perfeitamente contraditórias dos responsáveis; pessoas de reconhecido valor saneadas de instituições, a quem é ‘pedido’ que façam o favor de arrumar as coisinhas e sair em 48 horas; e o valor total para os apoios culturais continua a ser de uns anedóticos 800 mil euros, mais trocos menos trocos.

Total. Portanto para tudo, de produções audiovisuais a peças de teatro, de bailinhos de carnaval a filarmónicas, de aquisições de instru-

mentos a festivais. A Maré de Agosto, o mais antigo evento musical do país (em permanência) recebeu, para a edição de 2023, menos de 4 mil euros. E ‘recebeu’ hoje. Sim, hoje. Para 2023, uma edição que já aconteceu. Sendo que, após este anúncio público oficial, ainda é preciso esperar que a) chegue o contrato, b) que se assine e devolva, c) que entre a primeira tranche, d) posto que a segunda só é transferida após a execução e aprovação de um relatório descritivo. Tudo muito bem e absolutamente certo SE os prazos fossem respeitados e cumpridos.

Porque o derradeiro problema nesta avalanche de caos são precisamente os timings inenarráveis. Hoje mesmo, 15 de Setembro de 2023, saiu em Jornal Oficial a lista de atribuição de um rol de apoios, sucedendo a uma pré-lista com um par de meses - e certamente a uma pós-lista, porque ainda faltam decisões sobre algumas candidaturas destinadas a... 2023. Ah, entretanto, o prazo para concorrer ao Regime Jurídico de Apoio às Actividades Culturais para 2024 acaba daqui a... 30 dias.

Restam assim eventos de reconhecido mérito em risco de morrer e pessoas incapazes de pagar as contas ao fim do mês. Mas, hey, faz 100 anos que nasceu a Natália. Viva a Cultura Açoriana.